

*Meus caros companheiros de Mesa; Personalidades já nominadas; Senhoras e Senhores,*

Tenho, realmente, satisfação em poder estar aqui, neste fim de dia, na inauguração desta Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Estamos todos juntos, aqui, pessoas de formação diversa, de atividade diversa – acadêmica, cientistas, parlamentares, empresários, funcionários do Governo.

E o que nos une é alguma coisa maior. Estamos iniciando um amplo debate, como já mencionaram os dois palestrantes que me antecederam, sobre as perspectivas do Brasil em ciência, tecnologia e inovação, nos próximos dez anos.

Tenho certeza de que esse debate vai contribuir muito para o esforço que já está em curso, como mencionou há pouco o Ministro Ronaldo Sardenberg, de renovação da pesquisa científica e tecnológica no Brasil. Sabemos que é um passo essencial para a afirmação continuada do nosso país, como um ator de relevo, nesse cenário internacional.

Evidentemente, não há, nos dias de hoje, como iniciar esse debate sem uma nota de preocupação com a conjuntura internacional, que está marcada, hoje, pela tensão associada aos atentados ocorridos na semana passada e, também, pela desaceleração da economia mundial.

Mas estou convencido de que o Brasil, independentemente do cenário que tenhamos à frente, saberá manter o norte pelo qual se tem orientado ao longo de tanto tempo. Esse norte é o da estabilidade econômica, do desenvolvimento sustentado, como já foi mencionado aqui, da busca de soluções para erradicar a pobreza e a indigência material que ainda afeta, infelizmente, muitos brasileiros. Mas temos um rumo traçado. E vamos seguir nele.

Entre as metas que nos são mais caras, a fundamental talvez seja a de assegurar ao Brasil uma participação notável na expansão das fronteiras do conhecimento e das tecnologias de ponta, que é o fenômeno que dará o tom da economia mundial, no século XXI, a começar pela própria expressão do Ministro Sardenberg de que estamos entrando numa era da sociedade de informação, da sociedade de conhecimento.

Com isso, poderíamos ampliar a capacidade de geração de riquezas, definir ganhos de produtividade e competir entre povos e nações com o propósito de assegurar melhores condições de vida para todos.

Eu queria deixar uma mensagem muito simples, que é a minha irrestrita confiança na capacidade do Brasil e de seu povo para ocuparmos o quinhão que nos cabe na economia mundial deste novo século e que passa por um desenvolvimento consistente em ciência e tecnologia.

Mas eu queria acrescentar algo mais. Não se trata apenas de participar do quinhão que nos cabe e manter um desenvolvimento consistente em ciência e tecnologia. Quando se fala em erradicação da pobreza, quando se fala, como o Doutor Krieger aqui mencionou, e também o Ministro, em valores éticos, em valores morais, creio que, além disso, precisamos ter presentes todos os desenvolvimentos científicos que estão dando margem a essa grande transformação do sistema produtivo. Eles, também, acarretam uma transformação profunda no sistema de distribuição de riqueza, no sistema financeiro e no sistema de distribuição de poder.

Possivelmente, o desafio mais forte para todos nós, brasileiros, e, muito especialmente, para aqueles que têm uma formação acadêmica mais sólida ou uma visão mais ampla dos processos que ocorrem no mundo é o de levar esse nosso país, junto com os demais países, a uma revisão de perspectivas, de tal maneira que possamos assegurar, efetivamente, e com os efeitos de tudo o que já se mencionou a respeito de transformações tecnológicas, não se constitua uma sociedade internacional crescentemente desigual. E, muito menos, uma sociedade nacional desigual. Costumo me referir a esse fenômeno como da globalização assimétrica.

Quem sabe, depois de tantas tragédias ocorridas nos últimos dias, seja possível rever, a partir de um ponto de vista moral, uma série de questões que não estão sendo colocadas no debate internacional. E quem sabe o Brasil, com seus cientistas, com seus intelectuais, com seus professores, com seus pesquisadores, mas, sobretudo, com seu povo, com aqueles que se manifestam em função das suas carências, dos seus desejos e, também, com toda a capacidade transformadora que tem esse país, quem sabe nós possamos contribuir de uma maneira mais ativa para a revisão dessa ordem assimétrica internacional.

Não me refiro apenas à assimetria na questão material, que é forte. Não me refiro apenas à exclusão de porções grandes da humanidade, às vezes, em continentes quase inteiros. Refiro-me também à própria capacidade decisória, à própria definição das regras de poder, num mundo que se globalizou em tudo, que foi capaz, a partir do sistema financeiro e do sistema produtivo, de se reorganizar. E foi capaz de gerar, talvez, até formas diferentes de encarar o próprio mundo. Mas não foi capaz de definir instituições que levassem esse mundo a, necessariamente, passar por processos mais igualitários.

A necessidade de uma participação mais ampla em nível internacional talvez se coloque a partir mesmo dos desafios que estão sendo postos pelo terrorismo. O terrorismo é um inimigo cuja face não aparece. E todos aqueles que buscam, simplesmente, localizar essa face em algum Estado, em alguma crença ou em algum povo se equivocam, porque se trata de um fenômeno – para usar a expressão moderna – em

rede. É um fenômeno que se desenvolve, *pari passu*, com os grandes desenvolvimentos tecnológicos e que se espalha independentemente de Estados, de culturas, de religiões, de nações, de barreiras materiais, de uma maneira que pode parecer até um inimigo abstrato e, não obstante, capaz de desferir golpes muito concretos.

Quem sabe diante disso se imponha a necessidade de uma revisão das práticas internacionais e das práticas de convivência. Quem sabe possamos, e para isso a ciência é uma das alavancas mais importantes, voltar a poder pensar numa palavra que se usa, mas sem que se lhe atribua o significado mais denso que ela pode ter: pensar na humanidade, pensar no ser humano e reaver uma perspectiva, como já mencionou o nosso Ministro, humanista, na visão de todos esses processos. É uma perspectiva humanista que não se pretenda voluntarista, que não se pretenda substituir os processos reais, nem muito menos os materiais que contam, mas que permita que a humanidade não submerja numa série de irracionalidades que, pouco a pouco, podem destruir as bases mesmo de uma convivência decente, democrática, humana e universal. São esses os nossos desafios.

Tenho certeza de que, no campo da ciência, ainda temos, também, muito a realizar. Mas, modestamente, neste campo, já podemos contabilizar alguns avanços importantes, que nos animam quem sabe a poder enfrentar o próximo século com esses desafios maiores a que fiz referência, que são de natureza até civilizatória do que quaisquer outros desafios. De toda forma, investimos muito no aperfeiçoamento de nosso conhecimento e no incentivo aos jovens pesquisadores aqui, no Brasil. Basta dizer que, entre 1995 e 2000, o CNPq concedeu 283 mil bolsas. E a meta é atingir, até 2002, um total de 370 mil bolsas, alcançando assim, em sete anos, o mesmo volume de bolsas de estudos concedido em toda a experiência anterior do CNPq, de 1951 a 1994.

Nós multiplicamos por seis o número de doutores que formávamos em 1993. Naquele ano, produzíamos ao redor de mil doutores. Agora, a universidade está formando, em média, 6 mil doutores por ano. Nessa matéria, estamos nos equiparando à Itália, à Espanha, à China e ao Canadá. Obviamente, as populações são distintas. A da

China é muito maior do que a nossa. As outras são menores que a nossa. Mas, em termos de produto bruto, são países equivalentes. E estamos equiparados a esses países que têm uma capacidade produtiva equivalente à nossa.

Figuramos entre os 17 países que mais produzem artigos científicos. Sozinhos, os nossos cientistas, muitos dos quais aqui presentes, respondem pela produção de 4% dos artigos mundiais. Eu, infelizmente, já faz alguns anos que não posso participar disso. Mas, na minha época, dei uma pequena contribuição.

Nos últimos anos, o número de artigos brasileiros cresceu, pelo menos, três vezes mais do que a média anual. Avançamos em redes de pesquisa, como a de estudos genômicos, que têm um enorme interesse para a saúde pública e para o desenvolvimento da agricultura, além do interesse intrinsecamente científico.

Alcançamos algumas conquistas significativas em tecnologias no desenvolvimento de aeronaves, setor no qual temos batido alguns recordes no mercado mundial. E também tivemos marcados avanços em áreas de tecnologia de ponta, como na exploração de petróleo em águas profundas. E sobra dizer que estamos produzindo satélites em colaboração com a China. Eu próprio visitei, na China, um dos laboratórios em que os satélites são feitos em cooperação entre brasileiros e chineses. Aqui no Brasil, essa mesma cooperação existe.

E não há como esquecer, tampouco, que possuímos uma tecnologia própria de enriquecimento isotópico de urânio. No setor da agricultura tropical, então, nem se fala. Alcançamos, realmente, um progresso muito acentuado, de grande impacto na vida de todos nós, impacto no setor produtivo, mormente em função das pesquisas que foram conduzidas pela Embrapa, que não existiriam se não houvesse um apoio em uma rede de universidades, com bons Departamentos de Ciências Agronômicas e Biológicas. E sabemos também que as nossas instituições são uma referência no que diz respeito a vacinas e também a soros.

Avançamos, ao criar condições para uma maior participação do setor privado no esforço nacional de desenvolvimento tecnológico e

inovação, o que garante uma inestimável agregação de valor a nossos produtos e serviços. A maior densidade tecnológica e agregação de valor prosperam, lado a lado, para o benefício da competitividade e da própria economia brasileira.

Quero registrar, de público, a minha expectativa de que o empresário nacional invista sempre mais no desenvolvimento tecnológico e na inovação.

O País também avançou, ao criar mecanismos estáveis de financiamento da pesquisa, como são os fundos setoriais já mencionados pelo Ministro Sardenberg. Seis fundos já estão operando plenamente: os relativos a petróleo e gás, atividades espaciais, energia elétrica, recursos minerais, recursos hídricos e informática. Dois outros, de caráter mais genérico, já iniciaram sua execução: o Fundo de Infra-estrutura de Pesquisa, que beneficia as universidades e os centros de pesquisa e o Fundo Verde-Amarelo, que facilita a aproximação entre universidades e empresas.

E é com satisfação que anuncio que estou encaminhando ao Congresso Nacional, ainda esta semana, dois projetos de lei referentes aos fundos de agronegócios, saúde, biotecnologia e aeronáutica. Entraremos, portanto, em 2002, com 14 fundos em plena operação.

O certo é que, com a chegada desses fundos setoriais, os recursos destinados à ciência e tecnologia alcançaram o patamar de 1 bilhão e 800 milhões de reais, o dobro do que tínhamos em 1999.

Novos mecanismos de gestão, também mencionados pelo Ministro, estão sendo criados para reforçar a transparência e a produtividade dos gastos. Ainda nos próximos dias, vamos estabelecer o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, que vai prestar assistência ao Ministério da Ciência e Tecnologia nessa nova fase mais avançada das suas atividades.

Queria lhes dizer que, realmente, a formação desses fundos me parece que pode ser de importância central para assegurar a continuidade do financiamento da pesquisa.

E, neste instante, é de justiça fazer, aqui, um reconhecimento público ao empenho do Ministro Sardenberg e de seus colaboradores,

que foram, realmente, incansáveis, dia e noite, até conseguirem a anuência de setores que cuidam mais da área econômica, e tão bem representados aqui pelo Ministro Martus Tavares, que está disposto a assinar mais fundos em profusão.

Mas, realmente, creio que esses fundos tiveram um significado muito grande. Todos eles foram aprovados pelo Congresso Nacional, foram objeto de ampla discussão e mostram, portanto, a força que a sociedade brasileira, através do Congresso, está destinando à pesquisa em ciência e tecnologia.

E é também de insistir no fato de que se fala de ciência e tecnologia não mais como se fossem duas faces da mesma moeda. Não se trata disso. Não é um lado e outro lado. Tem que haver uma fusão maior entre o desenvolvimento científico e o desenvolvimento tecnológico.

Todos sabemos da importância extraordinária do desenvolvimento da ciência pura. Aqui, vejo o Professor Roberto Carvalho da Silva e me recordo – não sei se de 50 anos atrás – de quando se discutiam essas questões na universidade. Na verdade, tínhamos uma certa aversão à possibilidade de que os recursos fossem destinados à tecnologia, temerosos que estávamos – e, na época, com muita razão – de que, com isso, se esvaziassem os recursos para a ciência pura.

O tempo, hoje, é outro, não apenas porque temos mais recursos, como aqui mencionei, como porque existe a compreensão de que, entre a universidade e a empresa, as muralhas estão tombando. Não no mau sentido, de tornar a universidade uma empresa no sentido banal de mercado, nem no sentido oposto de imaginar que universidade é mera academia, no sentido de mofo, no sentido de alguma coisa desligada do produto real da vida. Não. No bom sentido.

Exatamente porque a universidade não está mofada e nem está disposta a virar mercadoria; exatamente porque os empresários também sabem dar valor ao que se produz na universidade e não vão confundir a cooperação científica como se fosse, simplesmente, uma agregação de valor, não no sentido do valor científico, mas do valor meramente material, mas sabem que existe mais do que isso, é possí-

vel que se aposte, como estamos apostando, hoje, nesta fusão maior entre o desenvolvimento científico e o desenvolvimento tecnológico.

Há, portanto, muitas condições para olhar o futuro com confiança, porque aprendemos a avaliar nossas necessidades de ciência, tecnologia e de inovação. E o Livro Verde, que orienta o trabalho dessas conferências, é um bom exemplo, já que resulta, como todos sabem, de uma profícua troca de idéias entre a comunidade acadêmica, o setor produtivo, os meios políticos e os setores governamentais.

Quero lhes dizer que, apesar dos meus afazeres, às vezes, não me permitirem a folga suficiente para ler todos os relatórios que me caem às mãos, li com satisfação o Livro Verde. Acompanhei com satisfação o Livro Verde e tenho confiança não só no diagnóstico, como na capacidade de organização, já mencionada aqui, que vai propiciar um avanço crescente da nossa ciência.

O diálogo será, por certo, ampliado nesses próximos dias. Não há outro caminho para uma política científica e tecnológica legítima e consistente do que o caminho perseguido através do envolvimento dos cientistas, dos pesquisadores, dos empresários, dos políticos, da sociedade em geral num grande esforço em conjunto.

Juntos, saberemos estabelecer metas e mobilizar os recursos para alcançá-las. Juntos, estaremos impulsionando um novo ciclo de transformações para o Brasil. Juntos, estaremos ajudando a melhor posicionar o Brasil no mundo e fazer com que este país, dinâmico e criativo, continue a avançar com determinação, sem radicalismo, apegado ao diálogo, como é próprio do nosso povo, à norma que é essencial em qualquer setor da vida humana: a boa convivência.

Muito obrigado.